

O Estudante, de A. Tchékhev

Diego Moschkovich

Resumo: *Tradução do conto “O Estudante”, de Anton Tchékhev.*

Palavras-chave: *Literatura Russa; Tradução*

O Estudante (Anton Tchékhev)

Começou fazendo tempo bom, quieto. Os pássaros berravam e, das vizinhanças do brejo vinha um zumbido queixoso, como se alguém soprasse numa garrafa vazia. Uma galinha aparece e leva um tiro, que ecoa cortante e alegre pelo ar primaveril. A chegada da noite, depois, que vem do leste e cai sobre a floresta soprando um vento frio impróprio, faz tudo silenciar. Pequenas agulhas de gelo começam a brotar pelas poças d’água, e tudo, tudo na floresta torna-se incômodo, mudo e hostil. Cheira a inverno.

Ivan Velikopólski, estudante seminarista e filho do diácono, voltava para casa apressado pela trilha que cortava o pântano. Os dedos já entorpeciam e o vento queimava o rosto. Parecia que aquele vento repentino chegara para destruir toda a ordem e o consentimento, de uma forma tão estranha à própria natureza que, por isso mesmo, a noite engrossara antes do que devia. Os arredores estavam desertos e especialmente sombrios. Uma fogueira luzia na horta das viúvas, e só. Lá longe, onde ficava a aldeia, a umas quatro verstas, tudo mergulhava inteiramente no gelado breu da noite. O estudante se lembrou de como, ao sair de casa, sua mãe limpava o samovar sentada no chão, descalça. Lembrou de como seu pai se esquentava deitado aos pés do forno, tossindo. Lembrou de como não se cozinhava nada em casa naquela sexta-feira da Paixão, e de como queria-se dolorosamente comer. Encolheu-se de frio e pensou em como aquele mesmo vento já soprava

nos tempos de Riúrik. Depois, pensou em como já soprava também nos tempos de Ivan o Terrível e também nos tempos de Pedro, o Grande¹. Pensou em como existia, também, a mesma pobreza feroz, a fome, os mesmos telhados esburacados de palha, a ignorância, a angústia, aquele mesmo deserto ao redor, as trevas, o sentimento de opressão. Todos horrores que existiam, existem e existirão, e poderiam passar mais mil anos que a vida não se tornaria melhor. Ivan não quis ir para casa.

Chamava-se “horta das viúvas” por que era uma horta de duas viúvas, mãe e filha. Uma fogueira queimava calorosa, aos estalidos, iluminando longe a terra lavrada. A viúva Vacilíssa, velhota alta e gorda, metida num capote masculino, estava parada em pé ao lado do fogo e olhava pensativa para a labareda; sua filha, Lukéria, pequena, sardenta e de rosto estúpido, estava sentada no chão de terra e lavava um caldeirão e algumas colheres. Obviamente tinham acabado de jantar. Ouviam-se as vozes masculinas dos serviçais, que davam de beber aos cavalos no rio ali perto.

– Olhem só, não é que o inverno voltou, mesmo? – disse o estudante, se aproximando da fogueira. – Olá!

Vacilíssa se assutou, mas logo em seguida se lembrou do menino e abriu um sorriso amigável.

– Nem te reconheci, você vai ficar rico!² – disse ela. – Deus o guarde.

Conversaram. Vacilíssa – mulher experiente, serva ama-de-leite por algum tempo, depois babá – se expressava delicadamente e seu rosto abria sorrisinhos leves, aos poucos; sua filha, Lukéria, mulher da aldeia surrada pelo marido, olhava vesga e calada para o estudante, com uma expressão estranha, quase surdomuda.

– Foi assim que o apóstolo Pedro se esquentou numa fogueira, – disse o estudante, estendendo as mãos para o fogo. – Ou seja, naquela época também fazia frio. Que noite mais estranha, não, tia? Uma noite extraordinariamente triste, e longa!

Olhou ao redor para a escuridão. Perguntou, suspirando:

– Suponho que você já tenha ido às leituras dos doze evangelhos, tia?

– Fui, sim – respondeu Vacilíssa.

1 Riúrik, Ivan (o Terrível) e Pedro (o Grande) – foram tsares da Rússia. Riúrik (830-879 d.C.) é considerado o primeiro tsar. Ivan (1530-1584), é considerado unificador do Império Russo. Pedro (1672-1725) é considerado o modernizador da Rússia, tendo criado a face moderna do Império. (N.T.)

2 Trata-se de uma antiga superstição russa que diz que a pessoa que não for reconhecida num encontro enriquecerá. (N.T.)

– Lembra o que Pedro disse a Jesus, na última ceia? “Contigo eu estou pronto para ir até a escuridão, e até a morte.” E o senhor lhe respondeu: “Te digo, Pedro, não cantará o galo hoje até que você me tenha negado três vezes, dizendo que não me conhece.” Depois, enquanto Jesus sofria mortalmente no jardim, o pobre Pedro, de alma cansada, fraco, sentia os anos pesados em suas costas. Sem forças para lutar contra o sono acabou adormecendo e o resto você já sabe. Judas, na mesma noite beijou Jesus e o traiu para seus inimigos. Foi levado acorrentado até o sacerdote e espancado. Pedro, prostrado, incomodado pela angústia e pela ansiedade, entende. Ele pressentiu, sem ter dormido, que aqui na terra estava para acontecer algo terrível, e seguiu. Pedro amava Jesus apaixonada e incondicionalmente, e agora via de longe como o espancavam.

Lukéria deixara as colheres e agora mantinha um olho fixo no estudante.

– Chegaram ao sacerdote, – continuou, – começaram a interrogar Jesus e, ao mesmo tempo, os trabalhadores acenderam uma fogueira no meio do pátio. Estava frio, eles precisavam se esquentar. E ali do lado do fogo, com eles, estava Pedro, e se esquentava também, assim como eu, agora. Uma mulher o viu e disse: “Este aqui também estava com Jesus”, ou seja: ele também precisava ser levado ao interrogatório. E todos os trabalhadores acorados em volta da fogueira olharam desconfiados e severos para ele, porque Pedro se incomodara e dissera: “Não o conheço.” Um pouquinho depois mais alguém reconheceu nele um dos discípulos de Jesus e disse: “Você também é um deles.” Mas Pedro mais uma vez negou. E pela terceira vez alguém se dirigiu a ele: “Não foi você que vi com ele hoje no jardim?” E Pedro negou pela terceira vez. Depois disto, imediatamente cantou o galo e Pedro, assistindo de longe a Jesus, lembrou-se das palavras que este lhe dissera durante a ceia. Lembrou, voltou a si, saiu do pátio e amargo, amargo chorou. Nos evangelhos está escrito: “E partira, chorando amargamente”. Eu fico imaginando: o jardim quieto, quieto, escuro, escuro, na escuridão mal se ouve o chorinho surdo...

O estudante suspirou e pensou. Continuando a sorrir, Vacilissa de repente soluçou e lágrimas grandes e abundantes começaram a deslizar sobre suas bochechas. Ela afastou com as mãos o rosto do fogo, com vergonha de seu próprio pranto. Lukéria corou olhando fixamente para o estudante, e sua expressão ficou pesada, tensa, como numa pessoa que suporta uma dor imensa.

Os serviçais voltavam do rio. A luz do fogo já tremeluzia na figura do primeiro, que vinha montado a cavalo. O estudante desejou às viúvas uma boa noite e seguiu em frente. Mais uma vez rodaram-no as trevas e seus dentes começaram a ranger. O vento soprava cruel. De fato retornava o inverno, e não parecia nada que depois de amanhã seria Páscoa.

O estudante pensava em Vacilissa: se tinha chorado, é que tudo que passara naquela noite estranha com Pedro fazia, para ela, algum sentido...

Olhou em torno. O fogo solitário piscava calmo na escuridão, e ao seu redor já não se viam as pessoas. O estudante novamente pensou que, se Vacilissa chorara, e sua filha se incomodara, então obviamente aquilo que contara, ocorrido dezenove séculos atrás, possuía relação com o presente - com as duas mulheres, e claro, com aquela aldeia deserta, com ele próprio, com todos os homens. Se a velhinha havia chorado não era porque ele sabia contar histórias, mas porque Pedro lhe era próximo, e porque ela se interessara, com todo o seu ser, por aquilo que acontecera na alma de Pedro.

De repente sentiu uma alegria levantar-se em sua alma. Uma alegria tão grande que teve até mesmo de parar por um minuto, a recobrar o fôlego. O passado, pensou, liga-se ao presente por uma corrente ininterrupta de acontecimentos, que brotam um do outro. A impressão que tinha era que acabara de ver as duas pontas desta corrente: tocara uma delas, distanciara-se da outra.

Ao se apumar no barquinho para cruzar o rio, viu sua aldeia natal levantando-se sobre a montanha ao leste, por onde, como uma fita, a fina e gélida aurora carmim inundava o céu. Pensou que a verdade e a beleza, que haviam dirigido a vida dos homens lá no pátio do sacerdote continuavam ininterruptamente até os dias de hoje, e, ao que lhe parecia, sempre seriam o principal na vida humana, e na Terra de forma geral; a sensação de juventude, saúde, força – ele tinha apenas vinte e dois anos – e a inexpressável doce espera da felicidade, da invisível e secreta felicidade, tomaram conta dele aos pouquinhos. A vida lhe parecia deliciosa, maravilhosa, e cheia do sentido mais elevado.

1894

Студент (Антон Чехов)

Погода вначале была хорошая, тихая. Кричали дрозды, и по соседству в болотах что-то живое жалобно гудело, точно дуло в пустую бутылку. Протянул один вальдшнеп, и выстрел по нем прозвучал в весеннем воздухе раскатисто и весело. Но когда стемнело в лесу, некстати подул с востока холодный пронизывающий ветер, всё смолкло. По лужам протянулись ледяные иглы, и стало в лесу неуютно, глухо и нелюдино. Запахло зимой. Иван Великопольский, студент духовной академии, сын дьячка, возвращаясь с тяги домой, шел всё время заливым лугом по тропинке. У него заоченели

пальцы, и разгорелось от ветра лицо. Ему казалось, что этот внезапно наступивший холод нарушил во всем порядок и согласие, что самой природе жутко, и оттого вечерние потемки ступились быстрее, чем надо. Кругом было пустынно и как-то особенно мрачно. Только на вдовьих огородах около реки светился огонь; далеко же кругом и там, где была деревня, версты за четыре, всё сплошь утопало в холодной вечерней мгле. Студент вспомнил, что, когда он уходил из дому, его мать, сидя в сенях на полу, босая, чистила самовар, а отец лежал на печи и кашлял; по случаю страстной пятницы дома ничего не варили, и мучительно хотелось есть. И теперь, пожимаясь от холода, студент думал о том, что точно такой же ветер дул и при Рюрике, и при Иоанне Грозном, и при Петре, и что при них была точно такая же лютая бедность, голод, такие же дырявые соломенные крыши, невежество, тоска, такая же пустыня кругом, мрак, чувство гнета, — все эти ужасы были, есть и будут, и оттого, что пройдет еще тысяча лет, жизнь не станет лучше. И ему не хотелось домой. Огороды назывались вдовьими потому, что их содержали две вдовы, мать и дочь. Костер горел жарко, с треском, освещая далеко кругом вспаханную землю. Вдова Василиса, высокая, пухлая старуха в мужском полушубке, стояла возле и в раздумье глядела на огонь; ее дочь Лукерья, маленькая, рябая, с глуповатым лицом, сидела на земле и мыла котел и ложки. Очевидно, только что отужинали. Слышались мужские голоса; это здешние работники на реке поили лошадей. — Вот вам и зима пришла назад, — сказал студент, подходя к костру. — Здравствуйте! Василиса вздрогнула, но тотчас же узнала его и улыбнулась приветливо. — Не узнала, бог с тобой, — сказала она. — Богатым быть. Поговорили. Василиса, женщина бывалая, служившая когда-то у господ в мамках, а потом няньках, выражалась деликатно, и с лица ее всё время не сходила мягкая, степенная улыбка; дочь же ее Лукерья, деревенская баба, забитая мужем, только шурилась на студента и молчала, и выражение у нее было странное, как у глухонемой. — Точно так же в холодную ночь грелся у костра апостол Петр, — сказал студент, протягивая к огню руки. — Значит, и тогда было холодно. Ах, какая то была страшная ночь, бабушка! До чрезвычайности унылая, длинная ночь! Он посмотрел кругом на потемки, судорожно встряхнул головой и спросил: — Небось, была на двенадцати евангелиях? — Была, — ответила Василиса. — Если помнишь, во время тайной вечери Петр сказал Иисусу: «С тобою я готов и в темницу, и на смерть». А господь ему на это: «Говорю тебе, Петр, не пропоет сегодня петел, то есть петух, как ты трижды отречешься, что не знаешь меня». После вечери Иисус смертельно тосковал в саду и молился, а бедный Петр истомился душой, ослабел, веки у него отяжелели, и он никак не мог

побороть сна. Спал. Потом, ты слышала, Иуда в ту же ночь поцеловал Иисуса и предал его мучителям. Его связанного вели к первосвященнику и били, а Петр, изнеможенный, замученный тоской и тревогой, понимаешь ли, не высавшийся, предчувствуя, что вот-вот на земле произойдет что-то ужасное, шел вслед... Он страстно, без памяти любил Иисуса, и теперь видел издали, как его били... Лукерья оставила ложки и устремила неподвижный взгляд на студента. — Пришли к первосвященнику, — продолжал он, — Иисуса стали допрашивать, а работники тем временем развели среди двора огонь, потому что было холодно, и грелись. С ними около костра стоял Петр и тоже грелся, как вот я теперь. Одна женщина, увидев его, сказала: «И этот был с Иисусом», то есть, что и его, мол, нужно вести к допросу. И все работники, что находились около огня, должно быть, подозрительно и сурово поглядели на него, потому что он смутился и сказал: «Я не знаю его». Немного погодя опять кто-то узнал в нем одного из учеников Иисуса и сказал: «И ты из них». Но он опять отрекся. И в третий раз кто-то обратился к нему: «Да не тебя ли сегодня я видел с ним в саду?» Он третий раз отрекся. И после этого раза тотчас же запел петух, и Петр, взглянув издали на Иисуса, вспомнил слова, которые он сказал ему на вечери... Вспомнил, очнулся, пошел со двора и горько-горько заплакал. В евангелии сказано: «И испед вон, плакася горько». Воображаю: тихий-тихий, темный-темный сад, и в тишине едва слышатся глухие рыдания... Студент вздохнул и задумался. Продолжая улыбаться, Василиса вдруг всхлинула, слезы, крупные, изобильные, потекли у нее по щекам, и она заслонила рукавом лицо от огня, как бы стыдясь своих слез, а Лукерья, глядя неподвижно на студента, покраснела, и выражение у нее стало тяжелым, напряженным, как у человека, который сдерживает сильную боль. Работники возвращались с реки, и один из них верхом на лошади был уже близко, и свет от костра дрожал на нем. Студент пожелал вдовам спокойной ночи и пошел дальше. И опять наступили потемки, и стали зябнуть руки. Дул жестокий ветер, в самом деле возвращалась зима, и не было похоже, что послезавтра Пасха. Теперь студент думал о Василисе: если она заплакала, то, значит, всё, происходившее в ту страшную ночь с Петром, имеет к ней какое-то отношение... Он оглянулся. Одинокий огонь спокойно мигал в темноте, и возле него уже не было видно людей. Студент опять подумал, что если Василиса заплакала, а ее дочь смутилась, то, очевидно, то, о чем он только что рассказывал, что происходило девятнадцать веков назад, имеет отношение к настоящему — к обеим женщинам и, вероятно, к этой пустынной деревне, к нему самому, ко всем людям. Если старуха заплакала, то не потому, что он умеет трогательно рассказывать, а потому, что Петр

ей близок, и потому, что она всем своим существом заинтересована в том, что происходило в душе Петра. И радость вдруг заволновалась в его душе, и он даже остановился на минуту, чтобы перевести дух. Прошлое, думал он, связано с настоящим непрерывною цепью событий, вытекавших одно из другого. И ему казалось, что он только что видел оба конца этой цепи: дотронулся до одного конца, как дрогнул другой. А когда он переправлялся на пароме через реку и потом, поднимаясь на гору, глядел на свою родную деревню и на запад, где узкою полосой светилась холодная багровая заря, то думал о том, что правда и красота, направлявшие человеческую жизнь там, в саду и во дворе первосвященника, продолжались непрерывно до сего дня и, по-видимому, всегда составляли главное в человеческой жизни и вообще на земле; и чувство молодости, здоровья, силы, — ему было только 22 года, — и невыразимо сладкое ожидание счастья, неведомого, таинственного счастья овладевали им мало-помалу, и жизнь казалась ему восхитительной, чудесной и полной высокого смысла.

Referências

ТЧЕКHOV, Anton. *Polnoe sobranie sotchinenii i pisem v 30 tomakh. Tom 8.* [Obras Completas e Cartas em 30 tomos. Tomo 8.] Nauka, Moscou, 1986.